

N.º 1 EM TODO O MUNDO

JAMES PATTERSON

MAIS DE 305 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

ZOO



O PÂNICO ESTÁ INSTALADO NO MUNDO INTEIRO

e MICHAEL LEDWIDGE

TOP
SEL
LER

Para os Archackis

M.L.

PRÓLOGO
ESTÁ TUDO
A ACONTECER
NO ZOO

UM

JARDIM ZOOLOGICO DE LOS ANGELES HOLLYWOOD OCIDENTAL, CALIFÓRNIA

Localizado no Griffith Park, uma extensão de terreno de 16 quilômetros quadrados onde estão instalados dois campos de golfe de 18 buracos, o Centro Nacional Autry e a placa de HOLLYWOOD, o Jardim Zoológico e Botânico de Los Angeles funciona mais como uma atração turística decadente do que como uma estrutura de conservação da vida selvagem.

Financiado por volúveis orçamentos municipais, o zoo parece nada mais do que uma feira delapidada. Ao longo do passeio de cimento branqueado, há caixotes do lixo a deitar por fora. Não é invulgar sentir-se o fedor do esterco empilhado, proveniente das jaulas onde estão deitados animais descurados de olhar vago, com moscas a sarapintar-lhes o corpo, e imóveis debaixo do implacável sol californiano.

A nordeste do portão de entrada, o recinto dos leões é contornado por um fosso de betão coberto de lodo. Em tempos — se semicerrássemos os olhos com força — poderíamos encontrar-lhe semelhanças com um pequeno fragmento do Serengeti. Mas, nos dias que correm, com escassez de manutenção, de financiamento e de pessoal, parece apenas aquilo que é: um cercado de cimento repleto de terra compactada e delimitado por erva artificial e árvores de plástico.

Pelas 8h05 da manhã já está calor no recinto, aparentemente vazio. O único som é um ligeiro restolhar produzido por uma coisa

escura e coleante que desliza lentamente, de trás para a frente, por entre um tufo da erva alta artificial. O som e o movimento cessam. E é então que, 15 metros a sul, algo muito grande se apressa a sair de trás de um matacão de contraplacado.

Com a cabeça em posição estável e um brilho nos olhos amarelo-claros, *Mosa*, a leoa do Jardim Zoológico de Los Angeles, atravessa o recinto, em direção ao movimento na erva, a uma velocidade estonteante. Mas, em vez de saltar para a erva, na última fração de segundo lança-se numa cambalhota. Levanta-se poeira no momento em que ela se rebola de costas, para depois se pôr de pé.

Bem deitado na erva está *Dominick*, parceiro de *Mosa* e macho dominante dos dois leões-sul-africanos do zoo, provenientes da África oriental. Mais velho do que *Mosa*, abana a sua magnífica juba arruivada e deita-lhe um olhar gélido. Tal como tem acontecido com cada vez mais frequência nas últimas semanas, está tenso, alerta, sem disposição para brincadeiras. Pisca os olhos brevemente por uma vez e continua a bater com a cauda no meio das lâminas altas de erva.

Mosa olha de relance para ele e depois na direção da vedação das traseiras, para a grande bola de exercício de borracha que um dos tratadores recentemente lhe ofereceu. Por fim, ignorando a bola, inclina-se lentamente para a frente para afocinhar a juba de *Dominick*, ao passar por ele dá-lhe uma lambidela social, em jeito de deferência e pedido de desculpa.

Mosa limpa as almofadas empoeiradas das enormes patas, enquanto os grandes felinos se deitam juntos sob o intenso céu azul da Califórnia. Se nesta manhã há alguma indicação de que algo possa estar errado, isso não é visível no que os leões estão a fazer, mas sim no que não estão.

Para os leões, tal como para outros mamíferos sociais, as vocalizações desempenham um papel crucial na comunicação. Os leões emitem sons para entrar em concorrência sexual, para competir em disputas territoriais e para coordenar a defesa contra os predadores.

Nas últimas duas semanas, *Mosa* e *Dominick* têm estado cada vez menos vocais. Agora encontram-se praticamente em silêncio.

Os dois leões sentem o cheiro do tratador bem antes de o ouvirem chocalhar a vedação de rede de arame, 45 metros à sua retaguarda. Quando o odor humano lhes chega às narinas, os leões reagem de maneira inédita. Ambos se levantam. Retesam as caudas. Empertigam as orelhas para a frente, ao mesmo tempo que o pelo se eriça de modo evidente nos dorsos.

Tal como os lobos, os leões fazem caçadas e emboscadas em grupos coordenados. O comportamento que os dois exibem agora demonstra que estão prontos para atacar a presa.

Dominick sai da erva e dirige-se para a clareira. Até para um macho ele é enorme — 227 quilos, perto de três metros de comprimento e quase um metro e quarenta de altura. O rei da selva fareja o ar e ao sentir de novo o cheiro humano, avança na sua direção.

DOIS

Terrence Larson, o tratador assistente de grandes felinos do zoo, abre a porta exterior de rede de arame do recinto dos leões, pendura o gancho da porta num buraco da rede para a manter aberta e arrasta lá para dentro o balde de plástico vermelho com alimento. O vigoroso funcionário municipal de meia-idade enxota as moscas, à medida que vai puxando pelo pequeno-almoço dos leões: 11 quilos de ossos do chumbão e de cubos ensanguentados de carne de vaca.

Uma dúzia de passos à frente, no final da vedação de arame dos tratadores, que chega até ao peito, Larson, antigo técnico de iluminação de estúdio na Paramount, deita a carne por cima da vedação e recua alguns passos. A carne cai estatelada sobre a terra num emaranhado de baques húmidos. Junto à vedação exterior aberta, vira o balde ao contrário e senta-se em cima dele. Sabe que deveria colocar-se atrás da bem trancada vedação exterior a ver os leões a comer, mas é o fim de semana do 4 de Julho e os chefes estão todos de férias, portanto qual é o problema?

Estar sentado no recinto com os leões de manhã, antes da abertura do zoo, é a melhor parte do dia de Larson. Tommy Rector, o jovem diretor do departamento de grandes felinos, gosta dos felinos mais pequenos, mais enérgicos, mais afetuosos — os jaguares e os linces —, mas Larson é um apaixonado por leões desde que, aos 7 anos, uma ida ao circo dos Irmãos Ringling lhe alterou a vida. Há uma razão para este animal ser um símbolo de força, perigo e mistério, pensa ele; uma razão para todos os homens fortes famosos — Sansão, Hércules — terem tido de combater estes bichos. O seu poder,

a graciosidade física e a beleza transcendental continuam a maravilhar-lo, mesmo depois de 15 anos a trabalhar junto deles. Tal como fazia quando trabalhava nos filmes, Larson diz aos amigos muitas vezes que nem acredita que lhe pagam para fazer aquele trabalho.

Tira um maço de *Parliaments* do bolso do peito da camisa caqui oficial e, no momento em que enfia um cigarro por entre os lábios e o acende, o rádio *Motorola*, que tem enganchado no bolso dos calções de trabalho, emite um bip agudo de chamada de socorro. Ele lança-lhe a mão, tentando adivinhar qual será o problema, quando surge a voz fininha de Al Ronkowski, dos serviços de manutenção, a guinchar no meio da estática; está a barafustar por causa de alguém que estacionou no seu lugar.

Larson dá uma gargalhada que é meio riso, meio bufido, baixa o volume do rádio e exala o fumo pelo nariz, em duas faixas cinzentas idênticas, enquanto perscruta a erva na outra ponta do recinto de 30 por 60 metros. Pergunta-se onde diabo andarão os leões. *Mosa* costuma estar à sua espera quando ele abre o portão, como um gato doméstico que vem a correr quando ouve um abre-latas elétrico.

Ao ouvir o estardalhaço na água, Larson atira o cigarro fora com um piparote e põe-se em pé. Pânico.

O quê? *Não! O fosso?*

Existe uma berma elevada e uma plataforma de proteção para impedir os leões de caírem à água, mas a verdade é que isso não impediu que um deles já lá tivesse caído uma vez. Os funcionários demoraram duas horas a conduzir uma *Mosa* aterrorizada e encharcada até terra seca.

Era só o que lhe faltava, com os chefes fora e a equipa a meio gás. Fazer de salva-vidas a 180 quilos de leão irritado e ensopado.

Entrar numa jaula sem apoio era decididamente contraindicado em termos de política de procedimentos; mas, na realidade de um dia de trabalho, fazia-se a toda a hora. Larson não se demora a escancarar o portão dos tratadores e a correr para a ponta da berma, elevada acima da água.

Solta um suspiro de alívio quando localiza uma das bolas verdes de exercício suecas a balançar no fosso. Tinha-se esquecido da

porcaria das bolas. Era só isso. De alguma maneira, *Mosa* tinha atirado a bola por cima da plataforma. Seja. Ufa.

Larson para ao voltar-se da ponta da berma. Estaca à beira do fosso, abrindo e fechando os olhos. Entre ele e o portão aberto da vedação dos tratadores está *Dominick*, o leão macho: imóvel, a cauda a chicotear de modo metódico, os olhos de âmbar dourados fixos no rosto de Larson. O pequeno-almoço jaz incólume ao seu lado. Está ali sentado, enorme, silencioso, fitando Larson com aqueles vagos olhos cor de chama.

Larson sente a saliva a secar ao passo que o imenso felino se inclina para a frente, depois para trás, como um pugilista a simular um ataque.

Está a fazer pose, raciocina interiormente Larson, com o máximo de calma que lhe é possível, tentando manter o corpo perfeitamente imóvel. É claro que o velho felino está apenas surpreendido com a sua presença ali no meio do território dele. Larson sabe que, num ambiente selvagem, já há muito que aquele rabugento de 20 anos teria sido morto por um adversário mais jovem que quisesse as fêmeas na sua alcateia.

Larson percebe que está metido numa alhada. Lembra-se do rádio, mas decide não o usar. Não ainda, pelo menos. Não é a primeira vez que se encontra na jaula com *Dominick*. O velhote está apenas a exhibir o seu peso. A qualquer momento irá aborrecer-se daquele pequeno jogo de desafio e começará a comer. *Dominick* conhece Larson há anos. Conhece-lhe o cheiro, sabe que ele não constitui uma ameaça.

Além do mais, se a situação piorar muito, Larson tem o fosso atrás de si. Com três passos, estará do outro lado e a salvo. Molhado e humilhado, e talvez com um tornozelo partido, mas, à hora a que os outros tratadores chegarem, a pele ainda lhe cobrirá os ossos e as entranhas ainda estarão no seu interior, onde ele gosta de as manter.

— Pronto, pronto, amiguinho — diz Larson num sussurro, com uma voz de aquietar bebés antes do sono. — Gosto muito da tua *Mosa*, mas ela não faz o meu género.

Mais do que ver, Larson pressente o movimento à sua esquerda. Vira-se a tempo de avistar alguma coisa a sair disparada da erva, maciça,

amarelo-torrada, lançando no ar uma coluna de poeira enquanto se atira a ele, aumentando de tamanho, ganhando velocidade.

O tratador não consegue dar um passo antes do ataque de *Mosa*. A cabeça dela bate-lhe no peito como uma bola de demolição. O impacto deixa-o sem ar quando é projetado em voo, e aterriza de costas a três metros de distância.

Larson fica deitado de costas, entorpecido. O seu coração bate tão depressa e tão forte, que ele se pergunta se estará a ter um ataque cardíaco. Afasta essa ideia quando o rosnado grave e condensado de *Mosa* reverbera ao lado do seu ouvido.

Tenta alcançar o rádio, ao mesmo tempo que *Mosa* lhe põe as patas no ombro e lhe morde o rosto. Os grandes caninos superiores furam-lhe os olhos, no mesmo momento em que os incisivos inferiores do felino deslizam com facilidade pela parte de baixo do maxilar.

Com *Mosa* a sacudi-lo de trás para a frente pela cabeça, Larson está tão indefeso como uma boneca de trapos. Quando o pescoço se parte, com um estalido espantosamente semelhante ao de um lápis a estalar, o som é a última coisa que o seu cérebro regista antes da morte.

TRÊS

Mosa ronqueja e larga o tratador morto. Usa a garra oponível da pata dianteira direita como palito, para tirar uma lasca de carne dos dentes. O que resta do relógio de pulso de Larson cai no solo, enquanto ela lambe o sangue da boca.

Dominick, que já se alimentou, começa a correr para o portão aberto. No final do corredor cercado pela vedação, os dois passam pela jaula minúscula para onde os tratadores os atiram quando precisam de cuidados médicos. Não vão ter saudades daquilo.

Percorrem rapidamente toda a extensão do terreno dedicado aos grandes felinos. No outro extremo, junto às mangueiras, está um portão baixinho e, do outro lado, o brilhante carreiro branco de cimento do zoo. Tanto *Mosa* como *Dominick* galgam o portão sem qualquer dificuldade, e num instante começam a correr pelo passeio vazio do zoo. Os dois leões saltam por sobre os torniquetes e contornam o parque de estacionamento até ao aglomerado mais próximo de carvalhos e nogueiras do Griffith Park.

Sobem a trote uma colina enfezada pontuada de vegetação e descem pelo outro lado. Uma brisa quente faz-lhes chegar de novo um cheiro humano. Localizam a sua origem passado um momento, num dos *fairways* do campo de golfe. Trata-se de um belo jovem negro de camisa vermelha e calças pretas. A jogar nove buracos antes de ir trabalhar. Faz um ar surpreendido ao ver leões no campo de golfe.

Dominick ataca, derrubando o homem de lado, sem aviso prévio. A sua dentada letal arranca a maior parte do pescoço do golfista, fazendo desabrochar um jorro de sangue.

Dominick larga o morto e recua lentamente, enquanto um carro da polícia passa despercebido pelo *fairway* vindo de norte. Consegue sentir o cheiro de mais humanos no interior daquela caixa ruidosa e reluzente. Apetece-lhe ficar ali e atacar, mas sabe que aquela caixa cheia de humanos é feita do mesmo material frio e duro da sua jaula.

Os dois leões correm para se refugiarem nas árvores. No cimo do cume, *Dominick* para por um momento, a contemplar a cidade. Los Angeles estende-se por baixo dele, um campo castanho de humanidade, tremendo de modo aturdido no fumo e no crescente calor matinal, dissolvendo-se em névoa nas extremidades.

O cheiro é agora mais forte e vem de toda a parte. Dos prédios e das casas, das ruas, dos carros minúsculos que serpenteiam pelas estradas. O ar está saturado com o cheiro. Mas, ao invés de fugirem dele, *Dominick* e *Mosa* correm na sua direção, com as patas a escavar o terreno em busca de presas, as bocas sedentas de sangue.

PRIMEIRA PARTE

O PRINCÍPIO DO FIM

CAPÍTULO 1

Acordei a tremer.

De início, entrei em pânico, pensando que estava a ter um AVC ou coisa parecida. Depois abri os olhos, aliviado, quando me lembrei de que não era eu que tremia, era o apartamento.

Do lado de fora da parede com janelas poeirentas de estilo industrial, ao lado da minha cama, ouvia-se o que parecia ser um regimento de gigantes a baterem ritmicamente no betão com as coronhas das espingardas num desfile militar. Mas não eram os alegres fuzileiros navais de boina verde. Eu sabia que era o metro da faixa número 1 da linha local da Broadway a passar no viaduto e a chocalhar, a ponto de acordar os mortos, junto às minhas novas águas-furtadas, num quinto andar no Harlem. Ainda não me tinha habituado àquele comboio.

Encolhi-me e tapei a cabeça com uma almofada. Era escusado. Só em Nova Iorque é que uma pessoa tem de pagar pelo privilégio de dormir ao lado de um viaduto.

Mas eu estava tão teso, que nem podia dar-me ao luxo de me queixar. Endireitei-me na cama. A verdade é que nem sequer podia dar-me ao luxo de dormir. Nem podia dar-me ao luxo de pensar em dinheiro. Tinha gasto tudo e mais alguma coisa; estava nas lonas. Nessa altura, encontrava-me em modo de visão de túnel, concentrando toda a minha vida numa necessidade premente: compreender as coisas antes que fosse tarde demais.

As coisas nem sempre tinham sido assim tão terríveis. Dois anos antes apenas, não só eu vivia num apartamento não vibratório, como dava passos largos em direção a um doutoramento na Universidade

de Columbia. Era o menino de ouro no Departamento de Ecologia, Evolução e Biologia Ambiental, tão perto da glória que já praticamente sentia o cheiro dos contratos editoriais, das festas de *cocktail*, dos agradáveis compromissos académicos.

Mas foi então que tomei contacto com o evento — a que outros chamaram o erro — que mudou a minha vida.

Reparei numa coisa. Numa coisa que não batia certo. Uma coisa que eu não podia ignorar.

É assim que acontece às vezes. A vida flui como um conto de fadas, e de repente vemos algo que não conseguimos categorizar. Algo que nos começa a preencher todos os pensamentos, todos os sonhos, todos os momentos em que estamos acordados.

Pelo menos, foi assim que aconteceu comigo. Simplesmente, de um momento para o outro, passei de estar prestes a concretizar o meu maior objetivo de grandiosidade académica a começar a debater-me com uma coisa em que não conseguia parar de pensar, uma coisa que não podia ignorar, mesmo que o meu mundo se estatelasse em meu redor.

Sei que parece uma maluquice. A junção de promessa intelectual com obsessão e o descartar do sucesso convencional costuma acabar muito mal. Assim aconteceu certamente com Ted Kaczynski, o *Unabomber*, e com Chris McCandless, o tipo de *O Lado Selvagem*, que morreu naquele autocarro.

Mas eu não era nenhum descontente nem nenhum místico a tentar encontrar uma profunda ligação intrínseca com uma derradeira realidade. Eu era mais como o Chicken Little, um Chicken Little biólogo evolucionista que tinha detetado que o céu estava mesmo a cair. Só que não era o céu que estava a cair; era pior. Era a vida biológica que estava em queda. A própria vida animal. Estava a acontecer algo muito, muito estranho e muito, muito mau, e eu era a única voz que gritava para o boneco acerca disso.

Antes que me adiante muito, chamo-me Oz. O meu nome próprio é Jackson, mas, com um apelido como o meu, ninguém o usa. Infelizmente, o meu pai também é conhecido por Oz, tal como a minha mãe, as minhas três irmãs, os meus tios e todos os meus

primos pela parte do meu pai. O que se torna confuso nas reuniões familiares, mas isso não está aqui em causa.

O que está aqui realmente em causa — e em toda a parte — é o problema que eu andava a monitorizar, o problema global a que, por essa altura, eu tinha dedicado grande parte da minha vida para tentar resolvê-lo.

Soa a coisa grandiosa, eu sei, mas eu temia que, se tivesse razão — e, pela primeira vez na vida, eu esperava sinceramente estar errado —, estava em curso uma alteração paradigmática planetária que iria fazer o aquecimento global parecer um passeio de domingo por um jardim comunitário orgânico.

CAPÍTULO 2

Saltei da cama vestindo umas calças de pijama cinzentas amarradas com que a Air France me presenteara num voo recente para Paris. De barba feita, duche tomado e dentes escovados, tornei a vestir o elegante pijama francês. Trabalhar a partir de casa tem as suas vantagens. Pronto, «trabalhar» implica estar a ganhar dinheiro. Este era outro tipo de trabalho. Adiante. O pijama era mesmo confortável.

Ao sair do meu quarto, retirei mais um precioso pertence da maçaneta da porta — o meu gorro de lã vermelho-bombeiro, que adquirira numa viagem recente ao Alasca. Bem concentrado nos meus pensamentos, deitei-me no chão a fazer as minhas cem flexões diárias, um hábito que ganhara numa outra incursão, um período de quatro anos no Exército americano antes de ir para a faculdade.

Terminado o exercício físico, encaminhei-me para o meu escritório. Liguei os interruptores de proteção das tomadas, pondo assim a funcionar os televisores, que tinha alinhado ao longo de uma bancada metálica, no centro da sala de estilo industrial. Ao todo, havia oito. Alguns eram belos ecrãs planos recentes, mas na maioria tratava-se de chaços que eu conseguira arranjar mergulhando em contentores do lixo, depois da mudança para o sinal digital. Por detrás, um nó górdio de cabos fazia a ligação entre eles e as caixas de cabo, os recetores de satélite e um conjunto de computadores portáteis e servidores que eu havia modificado, com a ajuda de alguns amigos peritos em eletrónica, e transformado no maior e pior gravador de vídeo digital.

Enquanto esperava que tudo arrancasse, emborquei o primeiro *Red Bull* do dia. Mais um comboio na linha 1 que me pôs o ritmo cardíaco

em alvoroço, bem como a uma nuvem de poeira do peitoril das janelas. Chamem-me maluco — vá, não seriam os primeiros —, mas, passado o choque inicial, eu até gostava da banda sonora que o metro concedia ao meu apartamento. Não sei porquê, mas, desde os tempos de criança até ter recebido a bolsa de estudo Rhodes, o meu cérebro perturbado pelo défice de atenção tinha tendência a ter todos os cilindros a funcionar quando se via rodeado por barulhos infernais. A minha cena era AC/DC da velha guarda. Metallica, Motörhead, com os todos os níveis aumentados até ao 11.

Franzi os olhos aos monitores que se ligavam, recordando o meu pai, tenente no Corpo de Bombeiros de Nova Iorque, enquanto assistia ao noticiário da noite. A seguir a um incêndio de nível quatro, ele voltava para casa, deixava-se cair à frente da televisão e, no primeiro anúncio, depois de uma cerveja ou duas, dizia: «Oz, meu puto, às vezes acho que este nosso mundo não passa de um maldito zoo.»

À minha frente, os animais começam a encher os ecrãs. Carradas deles. Todos com um comportamento muito errado.

Parece-me que, de facto, os pais é que sabem, porque era exatamente isso que estava a acontecer. O mundo estava a transformar-se num zoo, mas sem jaulas.

CAPÍTULO 3

Recostando-me na cadeira giratória de cabedal comprada numa venda de garagem, tirei um bloco de notas novo da recente pilha à minha direita, na mesa, cliquei na esferográfica, escrevi a data.

Aumentei o volume no aparelho número quatro.

«Um caçador de 72 anos e o seu filho, de 51, dados como desaparecidos, foram ontem encontrados mortos», relatava a correspondente da WPTZ em Plattsburgh, a norte do estado de Nova Iorque, uma atraente morena com um casaco vermelho. Segurava no microfone como se fosse um copo de vinho. «Ao que parece, os homens foram mortos por ursos-negros, enquanto caçavam ilegalmente nos arredores do lago Plácido.»

A câmara passou para uma imagem de um jovem agente da polícia estadual numa conferência de imprensa. Cabelo cortado rente, alto e magricela. Rapaz do campo, pouco à vontade diante das câmaras.

«Não, não havia maneira de poderem ser salvos», disse o agente. Soprava os pê e os esses diretamente para o microfone. «Os dois homens estavam mortos há muito tempo e parcialmente devorados. O que continua a intrigar-nos é o modo como aconteceu. As armas dos dois homens ainda estavam carregadas.»

Terminou o relato com a afirmação de que pai e filho eram conhecidos caçadores clandestinos, com gosto pela utilização de um método de caça ilegal que consistia em utilizar cães para perseguir veados emboscados.

«Passo a emissão de novo para ti, Brett», disse a morena.

— Não é nada bom, Brett — disse eu, enquanto tirava o som ao aparelho quatro e aumentava o volume do oito. *Blip, blip, blip*, faziam as barras verdes no ecrã.

Aí começava um serviço noticioso da NDTV, uma espécie de versão em língua indiana da CNN.

«Um cornaca de Kerala foi ontem morto enquanto treinava elefantes», dizia o pivô de meia-idade. Tinha bigode e cabelo à Bollywood; havia nele algo de Clark Gable. «Por favor, tenham em atenção que as filmagens a que vamos assistir são de natureza muito explícita.»

Ele não estava a brincar. Vi um elefante fêmea amarrado a um poste, na praça de uma aldeia, e a pisotear um homem pequenino que estava à sua frente. Depois enrolou a tromba à volta da perna do homem e atirou-o ao ar.

O pivô explicou que o ataque ocorrera enquanto a mãe elefante estava a ser separada da sua cria, num ritual de treino conhecido como *phajaan*.

Eu já tinha ouvido falar disso. Também conhecido como treino de tortura, o *phajaan* é o método preferido para treinar elefantes nas zonas rurais da Índia. Uma cria de elefante é separada da mãe e colocada numa jaula, para que os aldeões lhe possam bater com ferros quentes e paus com pregos nas pontas. O brutal espancamento prossegue até ao ponto em que ou a cria de elefante se deixa montar, ou morre.

— Parece que a mamã não estava para isso, bacano — disse eu ao moribundo treinador de elefantes no ecrã.

Mas a *pièce de résistance* foi a notícia de última hora que apanhei na Fox News no aparelho dois. A boneca *Barbie* na televisão informava-me que dois leões do Jardim Zoológico de Los Angeles tinham não só matado o seu tratador e fugido, como também tinham matado outro tipo num campo de golfe nas redondezas. No ecrã, meia dúzia de agentes da Polícia de Los Angeles com *M16* estabeleciam um cordão num terreno contornado por palmeiras, enquanto, por trás deles, o pessoal do controlo animal andava às voltas, envergando fatos-macaco brancos.

«Os leões foram localizados pela última vez na zona de La Brea, perto de Beverly Hills», chilreava a Megyn Kelly, com os olhos vagos colados ao teleponto.

Deixei cair a caneta. Estava irritado até mais não. Com comichão na pele, o coração a bater como se fosse um martelo. Andaria toda a gente a dormir? Sob hipnose? Pedrada? *Estaria toda a gente com uma grande moca?*

Tornei a pegar na caneta e gatafunhei três letras no bloco, com força suficiente para rasgar o papel.

C H A !!!!!!!!!

Depois atirei com o bloco de papel pela sala.

— Quando é que vocês *me darão ouvidos?* — gritei para a minha parede de comunicação social.

Estava na hora de mais caféina.

CAPÍTULO 4

Sentei-me dobrado na cadeira durante alguns minutos numa acalmia terapêutica. Ouvi um comboio que ia para a Alta a estrondear à minha janela, e depois outro que ia para a Baixa. Depois, atravessei a sala, apanhei o bloco de notas do chão e voltei ao trabalho.

CHA: Conflito Homem-Animal. Era a teoria em que eu andava a trabalhar.

Basicamente, a minha convicção era a de que o comportamento animal estava a mudar um pouco por todo o mundo. E não era para melhor. Nem um bocadinho. Em todos os continentes, espécies atrás de espécies ostentavam subitamente um comportamento hipergressivo em relação a um animal em particular.

O inimigo éramos nós. Eu e vocês. As pessoas. O *Homem*, caramba.

Os factos eram inegáveis. Da Roménia à Colômbia, dos Pirenéus às Montanhas Rochosas, de St. Louis ao Sri Lanka, houvera um aumento exponencial de ataques de animais a humanos — por parte de leopardos selvagens, ursos, lobos, javalis, todos os tipos de diferentes animais; era só escolher. Na verdade, a taxa mundial de ataques de animais selvagens nos últimos quatro anos foi o dobro da média dos anteriores cinquenta. Para enfatizar, repito: o dobro.

E não eram só os animais selvagens. Na Austrália, os ferimentos provocados por cães e gatos haviam aumentado em 20 por cento. Em Pequim, a percentagem era de 34 por cento. Na Grã-Bretanha, perto de quatro mil pessoas tinham precisado de tratamento hospitalar por causa de mordeduras de cães no ano transato.

Por qualquer motivo que eu ainda não identificara, estava em curso uma espécie de retaliação evolutiva concertada entre espécies contra o *Homo sapiens*. Ou, dito de outra forma, alguma coisa estava a enlouquecer os animais, e o tempo para agir contra isso estava a esgotar-se mais depressa do que o abastecimento de varinhas de condão de plástico numa convenção do Harry Potter.

Sei o que isto parece — uma conversa de malucos. Diferentes espécies de animais não humanos a engendrar algum tipo de conspiração contra os humanos. É absurdo. De loucos, impossível. Dantes, eu também pensava que se tratava de uma grande e estranha coincidência. Apenas uma série de incidentes isolados, sem qualquer relação entre si. Inicialmente, só serviu de gozo aos meus colegas o facto de eu ter começado a seguir o fenómeno no meu blogue irónico «Homem contra a Natureza».

Parei de rir quando comecei a olhar com mais atenção para os indícios. A verdade é que a natureza estava em guerra com o Homem. E o nosso lado nem sequer tinha reparado.

A expressão «estar entre a espada e a parede» ilustrava bem em que posição me encontrava. Se avançasse para a espada, era trespassado; se me encostasse à parede, ficava encurralado e poderia ser morto. De uma maneira ou de outra, era perigoso. De uma maneira ou de outra, estava lixado.

E era assim que eu estava, numa corda bamba suspensa entre o mau e o pior. Sentia-me como se estivesse a caminhar sobre a prancha de um navio, por cima do profundo mar azul.

Se estivesse errado, era louco. Se estivesse certo, o mundo estava condenado.

Fazia os possíveis por divulgar a notícia, mas não conseguia chegar a lado nenhum. Atingira o limite de todos os meus cartões de crédito, e dos de vários familiares solidários, a falar com quem me quisesse ouvir. A minha viagem a Paris teve como propósito assistir a uma conferência sobre os direitos dos animais, em que eu arranjava maneira de entrar para conseguir algum tempo de antena. Só cheguei a cerca de metade da palestra, antes de ser expulso do palco à gargalhada.

Não, ninguém me dava o mínimo apoio. Ficariam chocados e desiludidos com a quantidade de intolerância intelectual direcionada contra pessoas que dão preferência a gorros vermelhos de lenhador e pijamas amarrotados.

A cena do Jardim Zoológico de Los Angeles que eu acabara de ver era a mais importante. O relatório dissera que os felinos tinham nascido em cativeiro. Porque é que um casal de leões de zoo havia de decidir um dia começar a matar gente e atravessar desarvorado uma cidade? Porque há 200 canais na televisão e nenhum dá nada de jeito? Não fazia sentido. Os leões de zoo não se passam simplesmente dos carros. Não há razão para isso. Até agora.

Usei a marcação rápida para ligar à minha assessora de comunicação para tentar entrar na Fox. Como sempre, fui logo recambiado para o atendedor de chamadas. Até ela achava que eu era doido; e eu *pagava-lhe*. Não era bom sinal.

Depois de gravar a última súplica para ela, decidi fazer a única coisa que me ocorria. Liguei o *iPod* e pus a tocar Motörhead em altos berros, para pôr os tão necessários fluidos mentais a correr. Ajuda-me, Lemmy. Sorvi mais um pouco de *Red Bull* e tentei raciocinar, enquanto assistia a mais alguns dos vídeos menos cómicos do mundo.

Endireitei-me na cadeira quando o *Attila* me arrancou os fones dos ouvidos.

— Olá, *Attila* — disse eu. O meu companheiro de casa estendeu-me a mão para um dá cá mais cinco. Eu correspondi ao gesto. — Olha para esta maluquice. De cada vez que penso que as coisas vão acalmar, a atividade duplica. A Sarah não me devolve os telefonemas. Ó Pedro, do *Pedro e o Lobo*, eu percebo o que tu sentes, sabes?

— *Hiii! Hiii! Hiii!* — disse o *Attila*.

Depois emitiu uns uivos ofegantes, trepou-me para o colo e deu-me um beijo lambuzado e um abraço peludo.

A propósito, o *Attila* é um chimpanzé.

CAPÍTULO 5

Eu sabia que as televisões o incomodavam, por isso peguei no *Attila* pela mão — com textura de couro e surpreendentemente macia, como uma luva — e conduzi-o até à cozinha. *Attila*: 5 anos, um metro e vinte e 45 quilos de chimpanzé.

Para o pequeno-almoço, dei-lhe uma manga, um monte de bolachas com recheio de figo (a que ele se atirou como um macaco) e metade de uma sanduíche de peru que tinha sobrado. A sobremesa foi puré de maçã misturado com vitaminas esmagadas e *Zolof*.

Isso mesmo, *Zolof*.

Até os símios precisam de calmantes neste nosso mundo louco. Ou, se calhar, só aqueles que vivem na cidade de Nova Iorque.

Escovei os dentes ao *Attila* e levei-o de volta ao seu quarto. Espalhados pelo chão tapado por jornais estavam os brinquedos dele: uma caixa de areia, uma arca cheia de bolas e bonecas, uma mesa de *air hockey* e uma máquina antiga para jogar basquetebol. Na verdade, estes últimos dois eram mais brinquedos meus do que dele. Mas a *Wii* era decididamente do *Attila*. Ele batia-me aos pontos no *bowling*.

Fiquei à porta a vê-lo jogar durante um bocadinho. Tinha instalado uma grade resistente em cabo de aço na porta do seu quarto, embora ele estivesse a ficar mais velho e eu soubesse que não tardaria muito até que arranjasse maneira de lhe dar a volta. Em breve teria de arranjar outra casa para ele. Atualmente, o brinquedo preferido do *Attila* era uma boneca *American Girl* que eu lhe comprara há pouco tempo. Tinha tranças e um vestido de guingão, muito ao estilo de

Uma Casa na Pradaria. O *Attila* embalou a grande boneca de cabelo loiro para a frente e para trás e beijou-a. Depois levou-a até mim e ergueu-a, para que também eu a pudesse beijar. Ofegou de satisfação e levou a boneca de volta ao pufe, no canto do quarto, e começou a fingir que a alimentava.

As pessoas que dizem que os seus cães são como filhos nunca viveram com um chimpanzé, acreditem. Abanei a cabeça e sorri ao meu amiguinho. Era agradável vê-lo sossegado, calmo, a divertir-se. Não tinha certamente sido assim quando nos conhecemos.

Tinha encontrado o *Attila* dois anos antes no Instituto Willis, uma loja biomédica em South Jersey onde estava como trabalhador temporário no laboratório. Estava a fazer as limpezas da noite no meu segundo dia, quando abri uma porta e dei com ele. O mais amoroso símio de 3 anos que alguma vez tinha visto, ali deitado com a cara rosada comprimida contra as grades frias da sua jaula minúscula.

Fitava-me com uma expressão infeliz, os olhos raiados de vermelho, o nariz a escorrer desenfreadamente. Na sua maioria, as investigações biomédicas com chimpanzés funcionam deste modo: infeta-se o chimpanzé com uma determinada doença antes de se lhe administrar a cura que se pretende testar. Se a cura não resultar, paciência; o chimpanzé morre. Ou, então, procuram-se efeitos secundários, e por aí em diante. Ao folhear a papelada presa à jaula, percebi que algum intrépido humano o tinha usado para andar a fazer uma qualquer pesquisa olfatória estranha. Testes de perfumes, ou coisa que o valha.

Quando este pequeno símio — ainda não era o *Attila*; nessa altura, era o número 579 — olhou para mim de modo tão penetrante, tão triste, com aqueles grandes olhos castanhos, o meu coração mole engendrou um plano. Uma semana depois de o trabalho ter terminado, dei por mim novamente a dirigir-me para sul pela I-95 com a chave do laboratório PROIBIDA A CÓPIA, que muito distraidamente me tinha esquecido de devolver. Já passava da meia-noite quando arranquei do parque de estacionamento do laboratório, com o *Attila* deitado na parte de trás do meu delapidado *Hyundai Sonata*, tapado com caixas de pizza do *Papa John*.

Nas primeiras semanas no meu apartamento, ele esteve alerta, hipervigilante, quase sem dormir, esperando receosamente para ver se eu lhe fazia mal. Um veterinário meu amigo diagnosticou-lhe perturbação de stress pós-traumático e passou-lhe uma receita de *Zolof*, que funcionava como um feitiço.

Sei o que estão a pensar. Ou sou um maluquinho de esquerda dos direitos dos animais ou vi episódios a mais de B.J. and the Bear quando era miúdo. Ou sou doido. Ou um idiota. Não costumo dizer aos outros cientistas que tenho um chimpanzé no meu apartamento. Nunca fiz tentações de ser o Homem do Chapéu Amarelo do século XXI. Simplesmente aconteceu. A minha ideia original era deixar o *Attila* num santuário animal na zona rural do Louisiana, que acolhe macacos que tenham sido usados em investigação. E continua a ser esse o meu plano final. Mas por agora o *Attila* vive comigo.

O *Attila* pousou a boneca e caminhou até à porta do quarto que dava para o terraço, dando-lhe umas pancadinhas a pedir para sair para o espaço exterior vedado, onde eu havia instalado um baloiço com um pneu.

— Pensa rápido, *Attila*! Ataque ao sovaco! — disse eu, fazendo-lhe cócegas.

— *Uuh-uuh-uuh-uuh, ah-ah-ah, hiii-hiii-hiiiiiiiih!*

Observei-o a correr sobre os nós dos dedos até ao baloiço e saltar lá para cima com um grito de alegria, antes de me virar, fechar a portinhola e regressar ao trabalho.

CAPÍTULO 6

Deitado de barriga para baixo no baloiço, *Attila* abana os longos braços poderosos para dar balanço para a frente e para trás. As pontas dos dedos compridos e nodosos roçam no chão. Braços fortes e delgados, próprios para subir a árvores. Tal como a maioria dos chimpanzés, *Attila* gosta de brincar. Gosta de andar à luta, de rir e que lhe façam cócegas.

Tal como os humanos, é argutamente consciente da sua posição e capaz de enganar.

É mais parecido às pessoas do que qualquer outra criatura.

Quando *Attila* espreita o homem ao fundo do corredor, dá um grito agudo e breve, indicativo da sua agitação, da sua ansiedade. Como não obtém resposta, *Attila* torna a desabar no pneu do baloiço e balança-se para a frente e para trás, com a corrente a ranger sonoramente devido à tensão.

É tudo tão estranho. As formas em movimento lá em baixo que parecem caixas. O pequeno trovão que se ouve por vezes lá em cima. Há alturas em que tudo de repente ganha o cheiro. O Cheiro. O cheiro assustador, o Cheiro Mau, aquele que antigamente lhe enchia a jaula na grande sala luminosa, o cheiro que lhe provoca dores no estômago e lhe eriça o pelo das costas. O cheiro está a tornar-se mais forte. Sempre mais forte. Até mesmo lá fora. Cada vez mais, a cada dia.

Entediado, zangado, receoso, *Attila* vira costas à janela e perscruta a sua área de brincadeira até encontrar o espelho. Segura-o diante do rosto e contempla a sua imagem. Tal como todos os chimpanzés, reconhece-se a si próprio. Tem agora 5 anos e o rosto começa a perder

a tonalidade rosada e a tornar-se mais escuro. O tufo de pelo áspero branco no queixo já quase desapareceu.

Cansado do espelho, põe-no de parte e começa a correr para trás e para a frente, abanando a vedação, guinchando aos estranhos muros e deslocando coisas. Passado um bocado, começa a entreter-se atirando com coisas pelo terraço. A cadeira de plástico. A grande roda do Vagão Thomas. Depois, o seu olhar fixa-se num coelhinho de peluche. Pega nele e leva-o para um canto.

Está a dar-lhe aconchego, afagando-lhe delicadamente o pelo macio com os dedos, quando uma brisa paira sobre o terraço e o Cheiro Mau lhe chega ao nariz como um murro.

Attila rasga o coelhinho ao meio com as suas mãos. Um chimpanzé tem tanta força nas mãos como um *pit bull* nos maxilares. Emite um som uivante grave enquanto o desfaz em penugem e fiapos. Depois enfia os pedaços de coelhinho pelos buracos da vedação, gritando enquanto flutuam como neve, como cinzas, descendo para o beco nas traseiras do prédio.

Com isto, *Attila* já se sente melhor.

Passado um minuto, *Attila* atira-se de novo para o baloiço de pneu e rodopia em círculos com os longos braços.

CAPÍTULO 7

Mais ou menos durante a hora que se seguiu, andei a sondar todos os meus contactos para ver as reações em relação ao ataque de leões em Los Angeles. Fiz um esforço para conseguir chegar à fala com um homem chamado Abraham Bindix, um guia de safaris residente no Botsuana que eu tinha conhecido em Paris. O tipo percebia imenso de leões, e a verdade é que era um dos poucos que não consideravam a minha teoria do CHA uma completa maluquice.

Estava eu ainda à espera de receber respostas e a fazer a minha segunda chamada para a minha assessora de comunicação, quando recebi uma mensagem escrita.

«CHA 112! ONDE TÁS?»

— Merda — disse eu. Bem me parecia que me tinha esquecido de alguma coisa.

«A caminho», escrevi mentirosamente em resposta. Depois liguei para o apartamento do porteiro. Cinco penosos e longos minutos mais tarde, chegou uma velhota, de vestido às flores cor-de-rosa desbotado a pender-lhe dos pequenos ossos, os braços cheios com bordados e livros de palavras cruzadas em espanhol. Era a mãe do porteiro, esporádica babysitter do *Attila*. Não precisava de fazer mais nada a não ser ligar-me em caso de emergência.

Quando cheguei à porta do terraço, o *Attila* estava a mirar-se no espelho que eu lhe tinha comprado.

— Ó borracho! A Sra. Abreu vem cá tomar conta de ti, companheiro, por isso porta-te bem, pode ser? Tenho de ir tratar de um assunto, mas, quando voltar, jogamos um bocadinho de futebol. Prometo.

O *Attila* deixou descair a cabeça, com os lábios a projetarem-se num beicinho. Até eu abrir os braços. Quase me derrubou quando saltou para eles. Depois libertou-se com uma série de uivos estridentes. Era o seu grito caraterístico, que os chimpanzés usam para se identificarem uns aos outros.

O *Attila* ficou visivelmente satisfeito quando eu imitei o seu grito em resposta, uivo a uivo.

Terminadas as despedidas, pus a minha bicicleta *Cannondale* ao ombro, carreguei com ela na descida dos cinco lanços de escadas e comecei a subir a congestionada Broadway em direção a norte. De cabeça baixa, pu-la em marcha supermultiplicadora, passando a deslizar por táxis de aluguer, supermercados *C-Town* e floristas. As minhas coxas começaram a latejar por volta das ruas 140, onde a Broadway iniciava a sua grande subida até Washington Heights.

Intercetando um camião do lixo na Rua 159, virei à esquerda para a Avenida Fort Washington e segui por ela, enquanto desfazia um arco em direção a norte. Passados alguns minutos, virei à direita para a estreita Rua 181 e parei com um chiado transpirado diante de um outrora grandioso edifício anterior à guerra. Ao lado da entrada, havia uma loja de 99 cêntimos, onde, depois de trancar a bicicleta com o cadeado, entrei e fiz uma compra que provocou um sorriso maroto na senhora chinesa de expressão imperturbável atrás do balcão.

Pingava suor no lúgubre vestíbulo do prédio, quando premi com o polegar a campainha do apartamento de «N. Shaw» e me abriram de imediato a porta. N. Shaw foi ter comigo ao patamar do sexto andar, mesmo à porta do elevador, com o pé calçado com ténis por debaixo da farda azul-esverdeada a bater agitadamente no descorado chão de mosaico. Era mesmo uma emergência CHA, ao que parecia.

— Não posso crer. Sabes o pouco tempo que tenho entre as aulas e o meu turno — disse a Natalie, ao mesmo tempo que me empurrava para dentro do seu apartamento.

A Natalie ficava escultural na farda. Olhos verde-garrafa, cabelo ruivo — e ruivo mesmo a sério, ruivo de rapariga irlandesa —, pele

aveludada, com tantas sardas que até parecia que algum *chef* pasteleiro a tinha polvilhado com canela.

— Prometeste que estarias aqui à espera. «A lançar foguetes», creio ter sido a expressão que usaste — disse ela, com os olhos verdes a brilhar como *kryptonite*, enquanto me puxava pela camisa no vestíbulo. Já tinha as mãos no meu cinto. — Vamos lá lançar foguetes, Ozzy.

A Natalie era uma explosão de sexo, uma líbido enorme vestida de azul-turquesa de hospital. Era também uma brilhante estudante de Medicina da Universidade de Columbia, a caminho de se tornar neurologista. Tratava-se de uma combinação agradável, embora eu às vezes me questionasse se ela me queria mais pelo corpo do que pela minha mente. Acho que teria de viver com isso.

— Não lancei foguetes, mas consegui trazer-te uma coisinha — disse eu, enquanto tirava do bolso de trás a minha compra da loja dos 99 cêntimos.

A balançar do meu dedo estavam as mais reduzidas e obscenas cuequinhas fio dental que a Tailândia alguma vez produziu, cor de maçã do amor e transparentes como celofane.

— Quem diz que eu não conheço o valor de um dólar? — perguntei eu.

A Natalie levou as mãos às ancas.

— Vamos lá ver se percebi. Primeiro, chegas atrasado à única oportunidade que tivemos em três dias para fazermos sexo — começou a Natalie, empertigando a cabeça e semicerrando os olhos. — E depois queres que eu me enfie nessa porcaria ordinária que uma puta de rua teria vergonha de usar?

— Basicamente, é isso — respondi.

— Não beijaste aquele macaco antes de vires para cá, pois não? Se beijaste, bem podes dar meia-volta.

— Népia — menti com perfeita convicção.

— Sendo assim — disse ela. Agarrou nas cuecas que eu tinha na mão. Esticaram e saltaram-me do dedo como um elástico.

» Eu odeio-te mesmo, Oz — gritou ela por cima do ombro, a caminho do quarto.

— Eu também te odeio, minha querida.

— Vai para o sofá — ordenou ela de detrás da porta do quarto aberta. Consegua vê-la a fazer subir as cuecas pelas pernas ao espelho do quarto. — Despe a camisa, fica de calças. Quero abrir-te o cinto com os dentes.

Quando o Homem se torna o grande inimigo de todas as outras espécies animais, o perigo espreita e o pânico instala-se. Nas ruas, mas também dentro das nossas próprias casas.

O comportamento animal está a mudar. E não para melhor. Por todo o mundo sucedem-se ataques de animais espalhando uma verdadeira epidemia de terror.

Em todos os continentes, espécies selvagens, e até animais domésticos, ostentam subitamente uma atitude hiperagressiva em relação a um animal em particular: o Homem.

Jackson Oz, um jovem biólogo, assiste a esta escalada de episódios violentos com uma clara sensação de pânico. Quando vê, com os seus próprios olhos, um ataque organizado de leões em África, a enormidade da violência torna-se terrivelmente clara.

Com a ajuda da ecologista Chloe Tousignant, Oz tenta avisar os líderes mundiais antes que seja demasiado tarde. Os ataques aumentam em ferocidade, astúcia e planeamento e, em breve, não restará um único lugar seguro para o Homem se esconder.

**Usando toda a criatividade que já lhe conhecemos,
James Patterson nasceu para escrever este livro.
Zoo já foi adaptado para televisão pela CBS e a primeira
temporada de treze episódios irá estrear brevemente
nas televisões portuguesas.**

«Um dos melhores entre os melhores.»

Time



Veja o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.topseller.pt



os livros em primeiro lugar

2012 Ocasultom

ISBN 978-989-8800-28-2



9 789898 800282

Thriller